

COELHO NETTO (1864-1934): UMA VIDA DEDICADA À LITERATURA

COELHO NETTO (1864-1934): A LIFE DEDICATED TO LITERATURE

Danielle Crepaldi Carvalho¹

RESUMO: O escritor brasileiro Henrique Maximiniano Coelho Netto, hoje pouco conhecido do grande público, foi uma figura de extrema importância no panorama literário e social do país a partir do final do regime monárquico e durante a república velha. Ele foi um dos poucos escritores de seu tempo que conseguiu manter-se fiel ao ideal de “viver das letras” – do qual também comungavam nomes como Raul Pompéia e Aluísio Azevedo – pois, muito querido pelo público, teve publicadas mais de uma centena de obras, além de ter mantido, por quase cinco décadas, colunas de crônicas nos jornais mais respeitados de São Paulo, Minas Gerais e especialmente Rio de Janeiro. A leitura de seus textos, escritos ao longo de tantos anos, permite-nos compreender a tônica seu trabalho: a missão educativa. Ela que se deixa entrever nas críticas à escravidão e à monarquia, que tanto afastavam o país do progresso vivido pela Europa; na importância atribuída à literatura, responsável por “eternizar” a língua de um país; e nas reservas que faz ao cinema, que supunha corromper costumes. Um percurso pela obra do autor torna-se, assim, fundamental àqueles que desejam refletir sobre o fazer literário nas últimas décadas do século XIX e primeiras três décadas do XX.

Palavras-chave: Coelho Netto, literatura, teatro, Brasil.

ABSTRACT: Although the Brazilian writer Henrique Maximiniano Coelho Netto isn't very well known by the public nowadays, he was a very important name in the national literary and social fields from the end of the monarchy until at least 1930. He was one of the few writers of his time that could manage to live exclusively from his writing – although writers such as Raul Pompéia and Aluísio Azevedo tried, they were never able to earn their livings by this mean – because he was very admired by the public, and so he could publish more than a hundred books, and also wrote literature in the most respectable newspapers of the southeastern part of the country for nearly fifty years. A lengthy reading of his work allow us discover the great importance he put on the education of the people. We see it in critic way he speaks of slavery and monarchy, that kept our country far from the “progress” he saw in Europe; in the importance he sees in literature, that is responsible to make the language of a country “eternal”; and in the reservations he makes to movies, because he believed they could corrupt people's behaviors. Therefore, a reading in the author's writing is fundamental to the ones who want to think about the production of literature in the last decades of the nineteenth century and in the first three decades of the twentieth.

Key-words: Coelho Netto, literature, theater, Brazil.

Introdução:

A *Vida Doméstica* exultava naquele mês de junho do ano de 1928: Coelho Netto (1864-1934) fora considerado, pela popular revista carioca *O Malho*, o “Príncipe dos Prosadores Brasileiros”, em votação da qual tomaram parte apenas “homens de letras e intelectuais” (S/N,

¹ Sou mestranda em Teoria e História Literária pela Universidade de Campinas (UNICAMP), onde desenvolvo uma pesquisa financiada pela FAPESP e já em fase de conclusão sobre as primeiras produções teatrais de Coelho Netto (1897-1898). E-mail para contato: megchristie@gmail.com

1928). Premiação mais que justa – ressaltava a revista – que o escritor já conquistara pelo seu intenso trabalho e qualidade de sua obra, realizada havia mais de meio século. Em meio a uma dúzia de fotografias do escritor em seu ambiente de trabalho e circundado por sua grande família, a revista discorre sobre a relevância do trabalho literário realizado por ele e sua dedicação à família, características tão imbricadas ao ponto de a objetiva registrar a família em torno da mesa de trabalho de seu escritório, tendo ao fundo inúmeras estantes de livros. Após a constatação laudatória de que aquele grupo representava “a família brasileira com as suas qualidades de coração, que conservou o antigo caráter, malgrado o tumulto desordenado [...] do Rio de Janeiro, que cada vez mais se despersonaliza”, a revista se propõe a apresentar as considerações tecidas pelo próprio Coelho Netto, o que faz em primeira pessoa. E assim, o escritor discorre sobre seus primeiros anos de vida, sua militância abolicionista e a primeira poesia que publicara, ainda na sessão paga de um jornal. Tal poesia é transcrita pela revista, bem como uma “lista completa” dos livros publicados por Netto, ambos os materiais cedidos pelo próprio escritor.

O espaço que a revista dedica a Coelho Netto, bem como o tom laudatório com que trata do mesmo, hoje podem parecer estranhos ao público que tem algum conhecimento de literatura, diante do papel de coadjuvante que as histórias literárias reservam ao escritor, o que se deveu à paulatina demolição de sua produção literária, considerada pelo crítico Antonio Candido oriunda de um escritor fecundo, mas com “imaginação escassa” (CANDIDO, CASTELO, 1972, p. 281), com capacidade de observação superficial, a cuja produção a linguagem se impõe “de maneira absorvente”, linguagem esta “presa à tradição de prosadores seiscentistas, donde o excessivo aportuguesamento do estilo” (Idem). Tais características, segundo Candido, aproximam o literato dos escritores parnasianos, pela “minúcia descritiva dos objetos raros” e “correção gramatical não despida de pedantismo” (Idem, p. 101-103), propriedades que faziam, segundo ele, com que a produção do grupo dos parnasianos – e, por extensão, de Coelho Netto – fosse “pouco adequada para exprimir os verdadeiros caminhos da poesia.” (Idem, p. 103). Esta assertiva, escrita na segunda metade do século XX, se deve, segundo Abel Barros Baptista, ao intuito de se estabelecer um cânone literário que excluísse o passado e afirmasse o “brasileiro” como o elemento chave para a configuração das obras. Sintomático é, portanto, a consideração do crítico de que houve, no Modernismo, a “maturidade” da literatura brasileira (CANDIDO, 1999, p. 70).

Todavia, felizmente a crítica literária contemporânea está propondo uma revisão em tal paradigma, o que está permitindo à mesma descobrir, na farta seara de escritores até então depreciados, que muito do que formularam extrapolava o bem comportado rótulo da estética parnasiana.

Temos em Coelho Netto um exemplo claro. O título de “Príncipe dos Prosadores Brasileiros”, atribuído ao mesmo em 1928, é, aliás, denotativo da importância que ele exercia no contexto nacional, mesmo passados seis anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo e quatro anos da histórica querela na qual se envolveu com o acadêmico-modernista Graça Aranha, quando Netto respondeu um irado “eu sou o último heleno” à assertiva de Aranha de que a Academia não passava de uma reunião de múmias passadistas².

Literatura e Intervenção Social:

Efetivamente, a análise da produção literária de Coelho Netto nos permite observar uma constante reflexão acerca de questões de grande relevância nas duas últimas décadas do século XIX e nas três primeiras do século XX, e defesa enfática de alguns pontos de vista – o que, de saída, nos faz questionar assertiva de Antonio Candido, de que o literato estava despreocupado com a realidade em detrimento da forma – tendo em vista estabelecer os usos e costumes que definiriam a nação brasileira, desde o final do período monárquico até o fim da república velha.

Porta de entrada para a compreensão desses ideais é o artigo com que a *Vida Doméstica* comemora a distinção recebida pelo literato, artigo que, pelo caráter bio-bibliográfico que Netto deseja lhe atribuir – ao conduzir a entrevista de modo a contar sua história e apresentar sua bibliografia “completa” (S/N, 1928) – é uma espécie de síntese da vida e intervenção literária do autor. Assim, um passeio por alguns desses textos nos permitirá mapear como essas questões são trabalhadas.

Tendo isso em vista, escolhemos produções do escritor que abrangem um período superior a três décadas, pertencentes aos mais variados gêneros: as crônicas serão representadas pelos *Bilhetes Postais* – série publicada entre 1892 e 1893, no carioca *O Paiz*; *O meu dia* e *Às quintas* – dois volumes que englobam textos publicados entre 1918 e 1923, nas páginas do também carioca *A Noite*. Escolhemos também a peça de teatro “Pastoral”, escrita e encenada em Campinas – interior de São Paulo – em 1903; os livros de contos *Contos Pátrios*, publicado em 1904 e *A cidade maravilhosa*, em 1928; e, por fim, o *Compêndio de Literatura Brasileira*, texto teórico publicado em 1905.

O fato de o escritor ter se debruçado sobre quantidade considerável de gêneros ficcionais e não ficcionais, bem como a atenta organização que empreende em sua obra – explícita pela lista cuidadosa de suas publicações, na qual constam inclusive os nomes e datas das obras extraviadas – denotam o intuito do escritor de, num só tempo, enfatizar uma vida dedicada à literatura e dar

² O litígio entre os dois membros da Academia Brasileira de Letras é discutido por Josué Montello. Cf. Josué Montello, *A vítima da semana*, op. cit.

sentido homogêneo ao seu ofício. Não é um acaso, portanto, sua declaração de que sua primeira produção – trata-se de uma poesia – trás todo ele em gérmen³.

Tomemos, portanto, essa produção à luz das obras por nós escolhidas, para vermos como se dá essa relação. Primeiro, o seu conteúdo: descrição do deserto africano, banhado por um oásis; na noite iluminada pelos raios de luar, o beduíno atravessa o Saara, vem arrastando grilhões e grita desesperado pelos filhos, mas quem responde é a esfinge, que brada “Escravo” – maldita seja a hora em que a África desposou o ocidente.

O texto, que apresenta visível preocupação social, foi produzido no final de 1881, momento anterior à entrada de Coelho Netto na Faculdade de Direito de São Paulo. E foi essa preocupação que deu a tônica da permanência do literato sob as arcadas da Academia, tanto que, alimentados pela leitura de novas obras filosóficas – o socialismo de Proudhon e o positivismo de Comte – Netto e os companheiros de Faculdade participaram das gazetas ginasiais que lutavam em prol da causa abolicionista, o que rendeu a alguns deles a reprovação no curso (PEREIRA, 2000). As lutas contra a escravidão e por uma literatura engajada passam a ser as preocupações principais daquele grupo que objetivava, através da literatura, educar população brasileira – até então iletrada, em sua maioria – no intuito de livrá-la do atraso representado pela escravatura e Monarquia, e assim moldá-la à luz da Europa. A dedicação exclusiva à literatura – Nicolau Sevcenko dá ao grupo o nome de “mosqueteiros intelectuais” (SEVCENKO, 1983, p. 25-77) – pressupunha uma vida totalmente voltada para o ofício literário, daí o objetivo dos mesmos de tirar das letras o seu sustento. Assim, ao vislumbrar o passado e ver o gérmen de si mesmo numa poesia escrita 47 anos antes, Coelho Netto só faz enfatizar a defesa de tal ideal.

Caminhemos em direção ao século XX, e acompanhemos o estabelecimento de Coelho Netto no Rio de Janeiro, capital do país, depois de abandonar o curso de direito. Flagremos os *Bilhetes postais*, coluna de crônicas que o escritor publicou n’*O Paiz* entre 1892 e 1893, durante o governo de Floriano Peixoto, o qual assumira o poder após a renúncia de Deodoro da Fonseca. Aqueles foram anos de intensa repressão por parte do governo aos antiflorianistas. O deflagrador da perseguição teria sido um manifesto do jurista Rui Barbosa, que considerava o governo de Floriano inconstitucional. O documento incitou um grupo de generais a assinar um manifesto ao presidente solicitando-o a convocar novas eleições, o que o fez decretar o estado de sítio e efetuar inúmeras prisões entre jornalistas e escritores, entre eles Olavo Bilac, um dos fundadores do jornal que encampou a tese de Rui Barbosa, e dileto amigo de Coelho Netto (COELHO NETTO, 2002, p. 13-15).

³ “Todo eu estou, em gérmen, nesta mixórdia. Analise-a a crítica e verá.”. Cf. *Coelho Netto: o príncipe dos prosadores brasileiros*, op. cit.

É em meio à tensa situação política que o escritor esboça o perfil da série – compostas por cartas enviadas a um conjunto de destinatários, em sua maioria, inventados, aos quais ele dirige-se como uma espécie de conselheiro. Há, ainda, a tentativa do escritor de construir uma *persona* literária, uma vez que ele assina seus *Bilhetes* com o pseudônimo de N., apelido que dá aos mesmos um tom de intimidade o qual reforça o caráter informal que Netto deseja construir para seus artigos: mensagens breves e pueris. Isso fica mais saliente ao percebermos que muitos desses bilhetes são escritos a mulheres e expressam conselhos de ordem sentimental ou saciam curiosidades, papéis comuns às mães e amigas.

A estratégia funciona, pois a coluna não sofre represálias durante todo o período de exceção, mesmo carregando alguns bilhetes que nada tinham de ingênuos, como o publicado em 7 de setembro de 1892, dia da comemoração da independência do Brasil, endereçado “Aos... da Pátria Filhos”.

“Filhos, hoje é o vosso dia, independência ou morte, dia do grito, dia do Ipiranga”, afirma o cronista, que principia por pedir ao leitor que entre no coro, não mais nas vias públicas, e sim “em família, intimamente, religiosamente” (COELHO NETTO, 2002, p. 97-8). O sentido do conselho será percebido ao longo do texto, no qual, depois de o cronista afirmar diversas vezes que a pátria é “livre” e que seus “patricios” devem se esforçar para que tal grito seja ouvido em todos os seus cantos, termina por constatar que a estrofe do hino à bandeira “Já podeis da Pátria” não foi visada pela polícia. Depois de se questionar sobre a existência da declamada liberdade, conclui: “Não sei... filhos, acho prudente que fecheis a boca... mesmo porque as nossas finanças andam muito por baixo e o silêncio é ouro.” (Idem). O fato de o verso não ter sido submetido à censura policial explicita a repressão daqueles tempos, daí o porquê de o cronista pedir que as pessoas cantassem apenas nos ambientes privados, pois neles poderiam se expressar livremente, uma vez que toda a liberdade fora suprimida. Ademais, a crítica ao conservadorismo da postura de Floriano fica implícita quando o cronista afirma que os versos escritos em 1822 seriam censurados 70 anos mais tarde, denotando que o período de monarquia e escravidão conferira mais liberdade do que aquele ano de 1892.

A asserção de que o silêncio vale ouro, e que o livre curso à opinião só deve ser dado em família, faz com que o cronista constantemente ressalte que é neutro no que toca às questões políticas. Todavia, naquele contexto, em que qualquer reação explicitamente contrária ao governo era punida com a prisão, a neutralidade proposta por ele é o único caminho possível em direção à intervenção social. Isso fica claro quando, o cronista, semanas antes da eleição à câmara dos deputados, escreve um “bilhete” a “Política”, explicando-lhe o porquê de não estar entre os

candidatos (Idem, p. 205-6)⁴. Diz ele não ter coragem de se candidatar, e compara a “alva túnica dos candidatos” com a “túnica do centauro”, que fez Hércules sofrer uma morte terrível. Após afirmar que nem sequer vota, constata que terá mais liberdade e prestará maior obra à grandeza da pátria se não se juntar aos políticos, deixando implícito que os políticos pouco faziam para o progresso nacional.

Merece atenção a analogia que o cronista estabelece entre a túnica do centauro e dos políticos. A mitologia nos mostra que Hércules mata o centauro Neso, contudo, não sem antes este entregar sua túnica envenenada à mulher daquele, a qual, acreditando nas palavras do centauro de que a vestimenta era um talismã, entrega-o ao marido, que, ao vesti-la, agoniza até a morte. Assim, a “alva túnica” (Idem) vestida pelos políticos seria uma espécie de túnica de Neso, que brilha com um prenúncio de democracia, mas destrói os ideais daquele que a veste. Daí o porquê de o cronista novamente afirmar que seria mais livre se não fosse candidato. Uma vez que, no Congresso, a democracia só se mantinha enquanto aparência, o indivíduo somente seria livre para exercê-la se procurasse maneiras e espaços alternativos. E é isso o que faz Coelho Netto através do personagem de N.

E que melhor espaço haveria senão a literatura pretensamente leve de uma coluna de crônicas que se propunha a falar especialmente ao belo sexo?

Preocupação não menos constante o escritor nutria com relação à língua nacional, a qual vê como símbolo da nacionalidade e, portanto, elemento responsável por reforçar o patriotismo. Vejamo-la a partir do *Compêndio de Literatura Brasileira*, que Netto publica em 1905, depois de ter exercido por quatro anos o título de lente no Ginásio Culto à Ciência, na cidade de Campinas. Embora tendo retornado ao Rio de Janeiro e à dedicação exclusiva à produção literária, é o lugar de professor que Netto toma nas páginas do *Compêndio*, o qual, por sua especificidade, prevê um público escolar.

O livro divide-se em duas partes. Na primeira, discute sobre a importância da “Literatura” enquanto perpetuadora das tradições dos povos, já que as tradições são consideradas elementos constituidores da raça e nação; o papel relevante da literatura para a instrução do “espírito”; a relação entre a História Literária e os fatores originais internos (a raça, o meio, a tradição, a língua, a nacionalidade) e externos (as grandes individualidades e as influências das literaturas estrangeiras). Na segunda, apresenta os escritores pertencentes à “Literatura Brasileira” e discute as tipologias “prosa”, “teatro”, “eloquência” e “imprensa” (COELHO NETTO, 1929). Diz ele sobre a língua:

⁴ Crônica publicada em 15 de março de 1893.

A linguagem de um povo é o patrimônio maior da sua inteligência. Acumulada, como um tesouro, durante o curso dos séculos, crescendo na razão direta do progresso, torna-se o caráter mais acentuado de uma nacionalidade. A língua só se fixa pela escrita – assim é a Literatura que a eterniza. É pelo concurso instrutivo de ideais e interesses, pela solidariedade com o meio de aliança e defesa recíproca, que um povo se condensa filiando-se aos mesmos princípios, guiando-se pela mesma norma, regendo-se pela mesma lei, reunindo-se em torno do mesmo altar. (COELHO NETTO, 1929, p. 20-1, 25)

A língua e a observância de ideais em comum construiriam, segundo o escritor, a união do povo, a qual seria responsável por estabelecer a nacionalidade. Isso pode ser mais bem compreendido pelas considerações de Benedict Anderson acerca dos “artefatos culturais” que possuem tão profunda legitimidade emocional entre os membros de uma mesma comunidade (ANDERSON, 1993, p. 91). A “Nação” trata-se, portanto, de uma “comunidade imaginada”, estabelecida para dar coesão a um grupo de indivíduos – que, apesar de nunca conhecerem a maioria de seus compatriotas, terão dentro de si a imagem do grupo.

Coelho Netto vai tratar de estabelecer esses interesses comuns de modo incisivo, através de sua produção literária, desde os últimos anos do século XIX. Uma vista d’olhos na relação de suas obras, publicada no artigo da *Vida Doméstica*, deixa isso patente. Concentremo-nos apenas nos títulos que mais claramente remetem a elementos caracterizadores da nação: *América*, descrita como “narrativas escolares” de “educação moral e cívica”, foi publicada em 1897; *Contos Pátrios*, em 1904 e *A Pátria Brasileira* em 1909 (ambos em colaboração com Olavo Bilac); *Mandamentos Cívicos* e *Breviário Cívico*, ambos publicados pela “Liga de Defesa Nacional” em 1922.

Desses, destaca-se o volume *Contos Pátrios* pelo número de edições publicadas – utilizamos a 27ª edição, datada de 1931. A publicação em co-autoria deve ser ressaltada, uma vez que retoma a idéia construída de um grupo coeso de intelectuais, dedicados a uma mesma luta em prol da civilização nacional. O público alvo é apresentado logo abaixo do título – “para as crianças” – algo igualmente relevante, pois denota, da parte de Coelho Netto, um claro intuito de produzir textos que atingissem indivíduos de diversas faixas etárias, o que daria maior perspectiva de sucesso ao seu ideal. E isso é claramente buscado pelas fábulas narradas, repletas de diálogos e que tecem com clareza as conclusões morais que os autores objetivam impingir às crianças. Contrapondo-os às produções coelhonetianas das quais já tratamos, notamos que, nesses contos, não há o uso de rebuscados recursos estilísticos e nem o autor lança mão de formulações dúbias, como acontece nos *Bilbetes postais*. Aqui, os personagens são maniqueístas, e os ideais civilizatórios são derramados em histórias repletas de figuras que os enfatizam, para o que concorreu o desenhista Vasco Lima.

Vejamos, por exemplo, “A Fronteira”. No meio da noite, um humilde cavaleiro galopa através da floresta – “a pressa com que saltou da sela à porta da primeira cabana [...] fazia suspeitar que algum acontecimento grave o levava a empreender tão arriscada viagem [...]” (COELHO NETTO, BILAC, 1931, p. 7-8)⁵, exclama o narrador. Efetivamente. O destemido homem bate na cabana de um sertanejo e o avisa que estrangeiros atravessariam as florestas para dominá-los. O sertanejo questiona-o, temeroso, pelo número de indivíduos com os quais teriam que se bater, e descobre que os estrangeiros estão em número muito superior. No entanto, isso não abala o cavaleiro, que constata:

— Eles aí vêm: não há tempo a perder! Se morrermos, todos os nossos corpos ficarão marcando a fronteira da Pátria. Pelas nossas ossadas e pelas cinzas de nossas cabanas, os que vierem mais tarde conhecerão o limite do Brasil. Vamos! [...] (Idem, p. 9).

Eles vão. Quando o grupo de soldados estrangeiros chega tranqüilo, imaginando que ninguém se colocaria no seu caminho, um grito de “Viva o Brasil!” lança os sertanejos à luta, e eles só param após terem conseguido dizimar o inimigo. “E a selva grande e veneranda parecia aplaudir os seus filhos valentes com a sua grande voz murmurosa e constante”, conclui o cronista, enquanto os sertanejos vibram por terem defendido a fronteira (Idem, p. 12).

O espaço físico da pátria é suficientemente significativo para que esse grupo de indivíduos lance-se contra um inimigo muito mais numeroso e, o que é mais relevante, a ânsia de defendê-lo é tão grande que a minoria vence a maioria. A idéia de que todo o espaço territorial do Brasil é a “pátria” de todos os brasileiros corrobora a crença do grupo de sertanejos descritos por Coelho Netto, os quais, ao defenderem o espaço onde viviam, estavam defendendo toda a pátria.

E se o símbolo é tão relevante ao ponto de valer a morte dos indivíduos que por ele lutam, então também merece loas aquele que carrega no corpo as marcas da guerra. Assim ocorre com “O perna de pau”, meigo ancião que era vítima da zombaria das crianças, até lhes contar que a mutilação deveu-se à sua luta contra a “fera” que desejava invadir sua “terra”, história que faz os garotos abraçarem o homem emocionados (Idem, p. 211).

O amor à Pátria é, por certo, o grande tema desses contos. Todavia, podemos encontrar nele outro símbolo de aglutinação social que tem grande peso na produção literária de Coelho Netto: a religião. Representando-a, o literato escreve “O Pároco”, que leva como subtítulo a definição de “conto de natal (Idem, p. 137-145)”. Na noite de natal, a “aldeia religiosa” (Idem, p. 137) está mergulhada em silêncio, já que morrera o pároco centenário, o qual sempre, nesta data, narrava “diante do pequeno estábulo, o mistério de Belém: como nascera de Maria Sempre Virgem numa creche, para exemplo dos homens, Jesus, o Rei dos reis, a Misericórdia Suprema

⁵ Todos os contos por nós analisados são de autoria de Coelho Netto.

[...]” (Idem, p. 138). No entanto, eis que, de repente, soa o sino e as portas da igreja se abrem. A “turba” (Idem, p. 141) de “rústicos” (Idem, 139) dirige-se a ela e descobre o padre, que, entre os anjos, realiza a missa de natal.

A religião exerce suma importância no ideal civilizatório de Netto a partir de, pelo menos, 1903, quando escreve a peça “Pastoral”, a qual, na opinião dos contemporâneos, reabilita-o junto aos anjos. Isso porque, anos antes, o escritor foi perseguido pelas autoridades religiosas peruanas devido à publicação, na revista *El Peru Ilustrado*, do seu conto *Magdala*, no qual Jesus Cristo quase se deita com a personagem de Maria Madalena (MARTINS, 1974). O conto, que em 1898 compôs o volume *Seara de Ruth*, parece também ter desagradado o público campineiro, que viu na “Pastoral” o tal motivo de reabilitação, uma das razões que o fizeram elogiar a peça. O fato de Coelho Netto não desmentir o intuito evangelizador que lhe atribuem – pois mesmo o drama tratando de apresentar a visita do anjo Gabriel à Maria, o encontro da mesma com Isabel e o nascimento de Jesus, seu prefácio é anunciado por um rapsodo grego, o que dá o mesmo estatuto de mitologia a todos os personagens – demonstra-nos claramente que o escritor compreende o potencial de coesão exercido pela personagem de Jesus, fato que o faz aproveitá-lo durante o restante de sua carreira.

De fato, a religião é tema recorrente na série de crônicas que Netto passa a publicar em 1918, às quintas-feiras, no jornal *A Noite*. A série, assinada por “Coelho Netto – Da Academia Brasileira” (PEREIRA, 2005, p. 220-1), busca, na ênfase ao lugar social ocupado pelo literato, um tipo de intervenção diferente daquela proposta nos *Bilbetes Postais*. Quem fala é o literato consagrado, que ocupa acento no posto mais alto das letras brasileiras, e a partir daí, observa e intervêm na sociedade. Neste sentido, os textos nos quais o literato comemora os feriados religiosos ou toma as passagens bíblicas como analogias para discutir algum acontecimento social, transformam-no numa espécie de ministro, responsável por prover moralmente os indivíduos e mostrar-lhes o caminho a seguir. É o que ele faz em “O bom samaritano” (COELHO NETTO, 1924, p. 391-5)⁶. Após resumir a passagem do evangelho na qual Jesus conta ao doutor da lei a história do caridoso samaritano, que salvara o homem agredido por ladrões, Netto discorre sobre Ignácio Bittencourt, homem igualmente caridoso que fora intimado a comparecer no tribunal e conclui que, assim como o outro, Bittencourt teria Jesus como advogado. Mais do que concordar com o episódio bíblico, Netto constrói uma ponte que o permite relacionar rigorosamente as histórias, o que ressaltava a relevância do cristianismo para o seu ideal pedagógico.

Tal importância fica clara na “Oração eucarística”, publicada em 28 de setembro de 1922, na qual, a guisa de oração, o cronista rende graças ao “Senhor”: “que assinalastes a nossa Pátria,

⁶ Publicado em *A Noite* em 18 de outubro de 1923.

no céu e na terra, com o vosso cruzado: no céu, formando-o de estrelas; na terra, figurando-o na bandeira cristã dos navegadores”; “que nos acompanhais da Altura para o nosso destino”; “que nos aconselhais nos dias obscuros”; “que vindes do céu em carisma sempre que vos invocamos”. E o tom religioso mantém-se num longo elogio ao Cristo – “Vós que acendeis a Fé, claridade que nos guia ao Céu”; “Vós que sois a Onipotência e a Misericórdia” (Idem, p. 242-5)⁷. É simbólico esse texto – publicado 15 dias depois da comemoração do centenário da Independência, e o primeiro após duas crônicas que tematizam os festejos e criticam a falta de patriotismo do povo – pois, ao estabelecer deus como o criador da pátria brasileira, Netto atribui à mesma um sentido absoluto que apaga a dinâmica histórica de sua construção. Assim, a religião é transformada num potente veículo para o estabelecimento dos símbolos pátrios.

Portanto, não é um acaso que, em 1928, para atender ao pedido da *Vida Doméstica*, a qual desejava um manuscrito que “apanhasse o flagrante do escritor nas horas de trabalho”, Coelho Netto produza o seguinte texto:

Um dos milagres mais assombrosos da nossa imprensa é o êxito, cada vez maior, desta excelente revista. Ainda que a sua factura muito para tal concorra há quem atribua o prodígio á influência do nome do seu diretor – Jesus. (Coelho Netto, S/N, 1928).

Uma vez que a elaboração do periódico recebia a intercessão de Jesus, Coelho Netto fará da entrevista que dá à revista um importante documento para o estabelecimento de seu ideal patriótico. Assim, retornemos à poesia de cunho abolicionista transcrita pela revista, já que ela aponta também para outra preocupação que foi constante na obra do literato, a linguagem. A presença de vocábulos eruditos para descrever a invasão da desconhecida África – “Sai a África do fundo da caverna/ Envolve nos cabelos” (Idem) – e a prisão do negro que seria feito escravo, o qual “Caminha, arrastando os férreos grilhos” aponta para algo que fez a festa dos indivíduos que criticaram o escritor: o rebuscamento lexical. Lembremo-nos de suas considerações no *Compêndio*: a língua é o maior patrimônio que um povo pode ter, é uma das características que mais claramente estabelecem sua nacionalidade, e a invasão dela – diz Netto – é o mesmo que a invasão do território (COELHO NETTO, 1929, p. 20).

Oriunda desse mesmo intuito é a defesa veemente que faz Netto de um teatro que educasse o público na língua nacional. Isso o transforma num dos indivíduos que mais se batem pela causa numa época em que a cena da capital federal era ocupada, grosso modo, por companhias européias que davam récitas em suas línguas de origem e por um teatro musicado de cunho popular. É em direção desses segundos que o literato lança a maior parte de suas críticas,

⁷ Publicado em *A Noite* em 28 de setembro de 1922.

durante toda a sua carreira. No espaço destinado ao tema no *Compêndio*, Netto apresenta que características desse teatro via como negativas:

A comédia tinha os seus afeiçãoados e dava fartos lucros à empresa quando começou, no Alcazar, a bambochata offembachiana.

O teatrinho as antiga rua da Vala, ponto preferido dos elegantes do tempo, atraía o povo com a nudez dos coros femininos, com as partituras saltitantes, com a fantasia fescenina das operetas e com o enxame alegre do mulhero que começava a forçar os costumes patriarcais, escandalizando a cidade com o luxo pimpão dos trajos, com as maneiras desabridas, com a troça, com as orgias.

O gênero bufo impôs-se. (Idem, p. 158-9)

O literato considera a abertura do Alcazar como o momento de naufrágio do teatro brasileiro, pois ele tirou o público do S. Luiz, que representava dramas e comédias. Desde então – e isso foi em meados de 1860 – considera que todos os esforços rumo à instauração de um teatro nacional foram baldados. O grande vilão é, portanto, esse teatro repleto de luxo, músicas e mulheres descobertas, que faz a alegria dos “elegantes” e é responsável pela destruição dos costumes, segundo o escritor. O trecho de 1905 faz eco a uma série de vitupérios que, ao longo dos anos, Netto lança ao gênero. Num momento anterior, o escritor critica o nível social e intelectual dos artistas que se apresentavam na capital, que os tornava impossibilitados de exercer ofício:

Já tivemos, caso inenarrável: uma primeira atriz que não sabia ler e os que por aí pululam em revistas e em mágicas nonsenses vieram da tripeça, do banco do carpinteiro, do torno, das companhias de polícia, das oficinas dos arsenais, das plataformas dos bondes e, sem sintaxe, sem distinção, encarregam-se de primeiros papéis metendo os pés pelas mãos com uma empáfia revoltante. (COELHO NETTO, 1897, p. 3).

A luta do escritor em prol do teatro fez com que, por ocasião da inauguração do Teatro Municipal do Rio, fosse encenada uma peça de sua lavra. Além disso, foi nomeado, em 1910, diretor da Escola Dramática Municipal, que teria, como uma de suas funções, oferecer profissionais aptos para as representações que ocorreriam no Municipal. No entanto, durante o período em que ocupou o cargo – o que aconteceu até sua morte, em 1934 – o escritor se sentiu obrigado a ir a público diversas vezes em defesa do teatro. É o que fez constantemente na série cronística publicada na folha *A Noite*, espaço no qual o Coelho Netto da “Academia” podia, como literato, expressar uma opinião abalizada acerca do assunto.

No ano de 1920, sua crítica ia em direção da municipalidade, que cedera ao estrangeiro o teatro que tinha sido construído com os recursos do contribuinte brasileiro e em benefício da arte

nacional. Ao discutir o edital de concorrência do Municipal para aquele ano, critica uma alínea, que estabelece a organização de três companhias de “1ª ordem”, todas estrangeiras. Deste modo, diz ele, caberia aos artistas nacionais o galinheiro, já que aquele teatro não era para eles (COELHO NETTO, 1922, p. 180-3)⁸. De fato, o Municipal não visava à representação de peças teatrais nacionais. Um ano antes, por exemplo, ele abrigou, sobretudo, espetáculos de música e dança, na maior parte das vezes executados por artistas estrangeiros⁹, o que incita Netto a protestar contra o que acreditava ser um mau uso do espaço, que não era empregado para o fim a que fora originalmente destinado.

É também por esse motivo que protesta contra Filinto de Almeida, o qual, ao discorrer sobre um projeto de fundação de um Teatro Nacional que seria analisado pela Câmara, constata que os brasileiros não teriam temperamento para dirigir uma companhia teatral. Um Coelho Netto enfurecido contesta a assertiva, lembrando-se do esforço de Leopoldo Fróes, que “levantou o Trianon”, e de Oduvaldo Vianna e Viriato Corrêa, que ocupavam o teatro naquele momento (COELHO NETTO, 1924, p. 127-32)¹⁰. Sobre o Trianon ele fala noutra crônica, na qual louva a ousadia de Fróes, que em meio à “exuberância bravia do carrascal das revistas, burletas e quejandas moxinifadas” (Idem, p. 49)¹¹, criou uma companhia nacional naquele teatro, destronando o cinema que lá se estabelecera. E embora o escritor esboce desconsideração pelo cinema, o qual, segundo ele, teria feito o público desertar do local, descontente das suas “flores de pano” (Idem), é certo que notava o quanto essas flores estavam fascinando o público.

E o fato o preocupava, tanto que, após assistir ao filme norte-americano “Cleópatra”, faz uma detalhada análise do mesmo, visando a demonstrar a inutilidade da produção. Segundo ele, o autor da película não soube aproveitar o que de “essencial e belo” (Idem, p. 115)¹² havia na história da rainha, o que o fez apresentar uma obra puramente visual, suntuosa, porém distante da verdade histórica. Ao elogiar a opulência das cenas que respeitavam os registros históricos, esboça a mesma preocupação que o perseguia ao discorrer sobre o teatro: também o cinema deveria instruir a população, ao que muito cooperariam os cenários retirados da própria natureza. Tendo esse fim em mente, é compreensível que Netto critique, por exemplo, as cenas nas quais os personagens, assim como os “*cow-boys*”, entram desabaladamente e “tudo resolvem à pata de

⁸ Publicado em **A Noite** em 4 de março de 1920, sob o título de “No galinheiro”.

⁹ As informações estão presentes na obra de Chaves Jr., que realiza um trabalho realmente notável ao listar todas as apresentações que aconteceram no Teatro Municipal entre 1909 e 1969. Segundo ele, no ano de 1919, dos 105 espetáculos realizados no Municipal, apenas 19 foram representações teatrais. Cf. CHAVES JR., Edgard de Brito, *Memórias e Glórias de um Teatro*, op. cit. Ver a página 163 para a listagem das peças teatrais apresentadas naquele ano e as páginas 220, 272, 329-330, 437-439 para as demais produções.

¹⁰ Publicado em **A Noite** em 1 de dezembro de 1921, sob o título “O seu a seu dono”.

¹¹ Publicado em **A Noite** em 19 de maio de 1921, sob o título de “O Trianon”.

¹² Publicado em **A Noite** em 14 de agosto de 1918.

cavalos” (Idem, p. 112-3). E uma vez que o cronista supunha que a arte na América se resumiria aos “lances dos seus *cow-boys*” (Idem, p. 114), pouca utilidade ela apresentava para ele.

A desconsideração ao cinema, vinda de um literato renomado e membro da Academia Brasileira de Letras, esboça como uma notável parcela da elite brasileira tratava a cultura de massas que, surgida em fins do século XIX, estava em pleno vigor nos anos 1920, produzindo bens culturais que atingiam todas as parcelas da população. O teatro musicado e o cinema são dois desses produtos da indústria cultural e, segundo Tiago Gomes, estavam distribuídos por toda a cidade, desde a região central e sul – freqüentadas pela elite carioca – até os subúrbios, com preços de entradas acessíveis a todas as parcelas da população, o que criou um espaço de experiências comuns (GOMES, 2004, p. 49-118). Assim, ao contrário do que Coelho Netto esforçava-se para provar em sua crônica “O Trianon”, o cinema e o teatro musicado passaram a atrair parcelas cada vez maiores da população. Em especial o cinema, que era, segundo Gomes, onipresente no Brasil na década que se seguiu ao fim da 1ª Guerra Mundial (Idem, p. 53)¹³. E a indústria americana dominava o veículo, estabelecendo repertório e construindo ídolos que também fascinavam o público brasileiro.

Os textos produzidos por Coelho Netto nessa época nos permitem notar que ele não via com bons olhos essas produções, que, visando especialmente ao entretenimento da população, faziam com que a concretização da missão pedagógica nutrida pelo literato fosse um sonho cada vez mais distante – daí sua crítica aos episódios inverossímeis de “Cleópatra”, que lança mão do americanizado e moderno *cowboy*, personagem que havia caído nas graças do público¹⁴, para resolver um acontecimento que ocorreu na antiguidade.

As considerações de Coelho Netto sobre “Cleópatra” delinham, ainda, outra característica dos filmes americanos que será motivo de grande preocupação, por parte do autor, nos anos que se seguirão: a licenciosidade. Ao discutir a história da rainha do Egito, o literato percebe a necessidade de se pintar sua lascívia, no entanto, notamos que ele não compreende o porquê dessa característica também ser aplicada aos demais personagens – fato que inutilizou a “moralidade” da história e a possibilidade de se tirar dela o “exemplo” (COELHO NETTO, 1922, p. 111). O que isso significa começamos a perceber pela reação do órgão censório do estado americano de Kansas no que diz respeito ao filme. O órgão, que buscava escoimar as fitas das cenas de crimes e especialmente de sexo, criticava aquelas que pintavam a libertinagem

¹³ O autor registra, entre 1919 e 1922, o total de 76 cinemas na cidade.

¹⁴ Segundo Gomes, o público de todas as localidades do Rio de Janeiro admirava os filmes de Tom Mix – ator americano que aproveitou sua experiência como peão de rodeio e ficou famoso, durante os anos 1920, pelos mais de 100 filmes de *cowboy* que realizou. Para informações sobre a predileção do público carioca, ver Gomes, p. 58.

(BUTTERS, 2007, p. 134), o que o fez, no que toca ao filme em questão, eliminar as cenas nas quais era mais flagrante a exposição da rainha em trajes diminutos¹⁵.

Coelho Netto possuía opinião semelhante, mas não a mesma – sua crítica visa a atingir especialmente as licenciosidades que fugiam à realidade histórica, aquelas que ele considerava gratuitas, já que não serviam de exemplo moral e tinham como único intuito agradar o público. É por isso que também ele propõe, noutra momento, um órgão que examinasse os filmes que entram no país, “alguns deles enxameados de moscas cantáridas” (COELHO NETTO, 1924, p. 35)¹⁶.

A influência do cinema na sociedade carioca será o tema privilegiado do conjunto de contos *A Cidade Maravilhosa*, que estava no prelo quando Coelho Netto recebeu o título de “Príncipe dos Prosadores Brasileiros”. O conto que dá título ao volume nos permite compreender, de modo privilegiado, como o escritor se relaciona com o assunto. É narrada a história de Adriana, uma normalista que, impelida pelo pai violento e bêbado, deixa a casa onde mora para se internar numa cidadezinha do interior, onde lecionará numa escola. A vivência triste no lugar, tão brutalizado quanto as pessoas que lá habitam, faz com que a mocinha ingênua se apaixone por um pintor do qual nem sequer se lembra o rosto, apenas porque fica sabendo, por seu senhorio, que o moço perguntara por ela:

Tal notícia alvoroçou o coração da professora adormecido naquele ermo e, desde logo, ainda deitada, pôs-se a imaginar o pintor, criando-lhe o tipo segundo retratos de artistas de cinema que tinha em velhas revistas, já atraída por ele, desejando-o como se o esperasse na sua tristeza. Levantou-se estouvadamente, com alegria [...]. Sentia, de quando em quando, estes, bafagem de calor nas faces, o peito enchia-se-lhe em respiração mais larga. Nunca um dia lhe parecera tão lindo como aquele. (COELHO NETTO, 1928, p. 13)

À noite, chega o moço e lembra-lhe dos passeios que ambos deram certo dia, juntamente com outras pessoas. A moça, deixando-se levar pela intimidade dos gestos do rapaz, sai para caminhar com ele em direção às luzes de uma queimada, o que a faz ser vítima dos beijos do moço, que lhe convida para viver com ele no Rio de Janeiro – “Cidade Maravilhosa! Cidade do sonho, cidade do amor.” (Idem, p. 17). Depois de ter conseguido se desvencilhar dos braços do estranho, Adriana compara a ilusão da “cidade maravilhosa” – que brilha no fogaréu à distância,

¹⁵ Estrelado por Theda Bara, Cleópatra foi um grande sucesso da Fox de 1918. A atriz, que representa a sedutora egípcia, utiliza trajes mínimos durante toda a película. Cf. Butters, p. 135-6.

¹⁶ Publicado em *A Noite* em 21 de abril de 1921 sob o título de “O teatro do centenário”.

mas de perto é lúgubre – com a ilusão do amor do forasteiro, cujos beijos queimavam, mas deixariam como resultado a perda de suas “virtudes” (Idem, p. 19-20).

Influenciada pelas fitas que vira no cinema, nas quais seus ídolos sempre protagonizavam histórias de amor com finais felizes, Adriana percebe, quase tarde demais, que a realidade não é um filme. Aí está, supomos, a crítica que aproxima a crônica “Cleópatra” deste conto: a ausência de ensinamentos morais dos filmes americanos estava, conforme acreditava Coelho Netto, promovendo o descaminho da sociedade. A personagem de outro conto deste livro segue trilha semelhante. Trata-se de moça de dezoito anos, que “Conhecia todos os artistas de cinema”, idolatrava homens e mulheres e sua “biblioteca” era formada por retratos deles (Idem, p. 152). O fato de ficar até tarde na cama, “abraçada com o travesseiro fofo, rebolcando-se voluptuosamente nos lençóis mornos” (Idem) denota que ela sonhava viver os amores que os personagens experimentavam nas telas, daí a preocupação esboçada pelo escritor, que faz o pai da moça exclamar à esposa: “E é assim que ela espera achar marido? Há de achá-lo!” (Idem, p. 155). É relevante, sobretudo, a menina não levar nome, o que dá a entender que ela se trata de um personagem-tipo, representante de uma parcela da sociedade que cada vez crescia mais.

Uma vez que a cultura de massas influenciava cada vez mais a sociedade que Coelho Netto acreditava ter a obrigação de educar, o autor deixa explícito que cabia à família guiar essas jovens. Ambas as mocinhas que analisamos até agora carecem do apoio familiar, uma porque o pai a obrigou a trabalhar, outra porque a mãe, demasiadamente preocupada com seus interesses, não tinha tempo de estar atenta à filha.

O mal gerado por essa desatenção está claramente relacionado ao maior espaço que as moças estavam conquistando na sociedade. A circulação no espaço público pelas moças solteiras aumentara consideravelmente naqueles últimos anos – e aqui nos referimos às moças da burguesia, já que aquelas pertencentes às classes menos favorecidas eram obrigadas a freqüentar esse espaço, devido a terem que trabalhar para sustentar as famílias (PROST, VICENT, 1992) –, para o que muito cooperaram as novas formas de diversão, especialmente o teatro e o cinema, que apresentavam sessões vespertinas. Isso fez com que homens e mulheres passassem a ocupar os mesmos espaços, o que aumentou a possibilidade de aproximação entre ambos os sexos. Aproximação que Coelho Netto via com muitas reservas, como estamos podendo observar.

O escritor constrói oportunidades de explicitar seu ponto de vista noutros dois contos. Em “Emigrantes”, dá voz a uma mocinha arrependida, que conta à amiga o que teve de enfrentar desde quando trocou os “livros”, os “bordados”, o “piano” e as “amiguinhas” (COELHO NETTO, 1928, p. 110) por um emprego no banco, através do qual queria “conhecer o mundo dos homens”. Diz ela ter sido recebida pelos homens como uma intrusa, o que a faz chegar a

uma conclusão que surpreende, quando lida nos dias de hoje: a de que a “Pátria” da mulher é o ambiente doméstico (Idem, p. 111-2). Num momento de cada vez mais intensa propaganda feminista, a narradora conclui que o mais correto é a diferenciação, uma vez que, segundo ela, a mulher é mais fraca do que o homem. É isso que fica nas entrelinhas de “A enfermeira”, narrado por um jovem que deseja comprovar a superioridade da mulher. Em meio aos comentários libidinosos dos amigos, o moço começa a narrar detalhes de sua amizade com uma certa “menina e moça” (Idem, p. 82) culta e moderna – a típica mocinha burguesa da qual estamos tratando – procurando ressaltar o desvelo com que a menina cuidara dele certo dia em ele estava doente, num quarto de hotel. A conclusão do moço, que teria posto fogo no termômetro para fingir uma febre e segurar a garota junto de si, tira aplausos dos amigos. Com ela, Coelho Netto visa a comprovar que a igualdade entre os sexos é uma falácia, uma vez que os homens possuíam características que naturalmente os diferenciavam das mulheres. Sendo assim, a penetração das mulheres nos espaços públicos é vituperada. Tais espaços são tratados por Netto como a “Cidade Maravilhosa” que dá título ao livro: fascinantes na aparência, mas que trazem a destruição às mesmas.

Considerações finais:

A constante preocupação de intervir na sociedade, alimentada por Coelho Netto, nos permite compreender o porquê de o literato, naquele 1928, ter escolhido justamente a revista *Vida Doméstica* para conceder uma entrevista. A revista é simbólica por demonstrar qual o lugar que, segundo Netto, deveria caber à mulher na sociedade. De acordo com a revista, a casa do literato representa bem “a família brasileira com as suas qualidades de coração, que conservou o antigo caráter, malgrado o tumulto desordenado do meio ambiente, esta cidade do Rio de Janeiro que cada vez mais se despersonaliza e materializa.” (S/N, 1928). A verdadeira “família brasileira”, pela qual também Coelho Netto clama ao longo de seus escritos, é esboçada às largas pela revista, que promove uma clara divisão de espaços ocupados pelo escritor e pela esposa – a ele cabia o gabinete de trabalho, à esposa, as outras dependências da casa –; que dedica espaço privilegiado a uma das filhas do escritor, a qual trocara a carreira artística pelo casamento; que fotografa o escritor inúmeras vezes entre filhos e netos, à maneira de uma antiga família patriarcal.

A reflexão sobre os lugares que deveriam caber, na sociedade, a cada membro das classes privilegiadas, está estritamente relacionada ao sentido que Coelho Netto deu à sua carreira desde que tomou a pena pela primeira vez, naquela poesia cujo conteúdo e forma analisamos. O literato procurou sempre tomar o cuidado de relacionar, nos seus escritos, o debate sobre assuntos relevantes na sociedade – escravidão, educação, meios de difusão cultural, espaço da mulher – à

língua rebuscada. Isso porque ele não buscava, com suas palavras, atingir todas as classes sociais. Numa sociedade com 90% de analfabetos (NEVES, 1992, p. 80), ele buscava, sim, atingir a elite letrada, que considerava a responsável por definir os destinos do país e educar a massa, que, nesse sentido, era considerada passiva. E isso ele tentou incansavelmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Coelho Netto

Bilhetes Postais, organização, introdução e notas Ana Carolina Feracin da Silva, Campinas-São Paulo: Mercado das Letras, 2002. [reunião das crônicas escritas entre 1892-1893 para o jornal **O Paiz**].

Cidade Maravilhosa, São Paulo/ Caieiras/ Rio de Janeiro: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1928.

Compêndio de Literatura Brasileira, Rio de Janeiro/ São Paulo: Livraria Francisco Alves, 3ª edição, 1929, [1905].

(em co-autoria do BILAC, Olavo), *Contos Pátrios (para as crianças)*, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 27ª edição, 1931, [1904].

O meu dia, Porto: Livraria Chardron, de Léo & Irmão, 1922 [crônicas publicadas no jornal **A Noite** de dezembro de 1918 a dezembro de 1920].

Pastoral, Portugal, Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1905, [encenada em 1903].

Às quintas, Porto: Livraria Chardron, de Léo & Irmão, 1924, [crônicas publicadas no jornal **A Noite** de janeiro de 1921 a dezembro de 1923].

RIBAS, Anselmo (pseud. de COELHO NETTO). *Seara de Ruth*, Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães Ed., s/d, 1898.

Fontes

S/N, Coelho Netto: o príncipe dos prosadores brasileiros. **Vida Doméstica**: revista do lar e da mulher, junho de 1928.

COELHO NETTO. **Correio de Minas**, Minas Gerais, 14 de agosto de 1897, apud. Publicações a pedidos. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1897, p. 3.

MARTINS, Heitor. Coelho Netto no Peru. **Suplemento Literário**, Minas Gerais, 28 de setembro de 1974. Centro de Documentação Alexandre Eulálio - Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP/Hemeroteca.

MONTELLO, Josué. A vítima da semana. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 de março de 1992. Centro de Documentação Alexandre Eulálio - Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP/Hemeroteca.

Bibliografia

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas, reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, México: Fondo de Cultura Econômica, 1993 [1983].

ANTUNES, Delson. *Fora do Sério: um panorama do teatro de revista no Brasil*, Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.

BAPTISTA, Abel Barros. O cânone como formação: A teoria da literatura brasileira de Antonio Candido, in: *O livro agreste: Ensaio de Curso de Literatura Brasileira*, Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

BUTTERS, Gerald R. World War I and the struggle against sin, in: *Banned in Kansas: motion picture censorship, 1915-1966*, Columbia: University of Missouri Press, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antonio, CASTELO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: história e crítica, Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo*, volume II, 4ª edição revista, São Paulo: Difel, 1972 [1964].

CHALHOUB, Sidney; Neves, Margarida S.; Pereira, Leonardo A. M. *História em cousas miúdas: capítulos de história social das crônicas no Brasil*, Campinas: SP, Editora da Unicamp, 2005.

CHAVES JR., Edgard de Brito. *Memórias e Glórias de um Teatro: sessenta anos de história do Teatro Municipal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1971.

GOMES, Tiago de Melo. *Um espelho no palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*, Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. O Império de Santa Cruz: a gênese da memória nacional, in: Alda Heizer e Antônio Augusto Vieira (orgs.), *Ciência, civilização e império nos trópicos*, Rio de Janeiro: Access, 2001, p. 265-285.

HOBBSAWM, Eric. *Naciones, Nacionalismo*, Barcelona: Editora Crítica, 1991.

LOPES, Marcos Aparecido. *No purgatório da crítica: Coelho Netto e o seu lugar na história da literatura brasileira*, Dissertação de mestrado em Teoria Literária, IEL/UNICAMP, 1997.

MENCARELLI, Fernando Antonio. *Cena Aberta: A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*, Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas, in: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Campinas-SP: Editora da UNICAMP: Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

PEREIRA, Leonardo A. M. Barricadas na academia: literatura e abolicionismo na produção do jovem Coelho Netto. **Revista tempo**, n.º 10, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

_____. Uma miragem de república: Sonhos e desilusões de um grupo literário, in: *República, Liberalismo, Cidadania*, Piracicaba, São Paulo: Editora Unimep, 2003.

PROST, Antoine e VICENT, Gerard (orgs.). O trabalho; A família e o indivíduo, in: *História da Vida Privada*, 5: da Primeira Guerra a nossos dias, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*, Tomo I, Rio de Janeiro: Imago, 2001 [1888], p. 99-121.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*, 2ª. Edição, São Paulo: Cia. das Letras, 2003.